

I

A chalupa *Nellie* rodou em torno da âncora sem um bulir das velas e imobilizou-se. A maré enchia, o vento quase não soprava, e, sendo o nosso rumo rio abaixo, só nos restava esperar pelo refluxo da maré.

O troço final do Tamisa estendia-se diante de nós como se fosse a embocadura de uma via aquática interminável. Ao largo, mar e céu fundiam-se sem uma sutura, e no espaço luminoso as velas crestadas dos batelões que subiam o rio ao sabor da maré pareciam imobilizadas em cachos rubros de telas pontiagudas, com cintilações de verniz. Um véu de neblina repousava sobre as margens baixas, que corriam para o mar numa planura a perder de vista. O ar sobre Gravesend estava escuro, e mais atrás a quietude parecia ensimesmada numa lúgubre caligem, cismando, inerte, sobre a maior e mais ilustre cidade do mundo.

O Diretor das Companhias era nosso capitão e anfitrião. Contemplávamos os quatro as suas costas afetuosamente, enquanto ele, imóvel à proa, olhava na direção do mar. Em todo o rio nada havia de tão marinhesco como ele. Parecia um piloto, o que para um marujo é a confiança personificada. Custava a crer que não exercesse a sua atividade acolá, no estuário luminoso, mas sim lá atrás, no seio da ensimesmada caligem.

Como já disse algures, havia um elo a ligar-nos, que era o mar. Além de manter os nossos corações unidos durante longos períodos de separação, o mar tinha o efeito de nos permitir tolerar as histórias uns dos outros, e até as convicções de cada um. O Advogado, um companheiro de eleição, graças aos seus muitos anos e inúmeras virtudes, tinha direito à única almofada do convés e estava deitado na nossa única manta. O Contabilista já puxara de uma caixa de dominó e entretinha-se a fazer construções com as peças de osso. Marlow estava sentado

à popa, de pernas cruzadas, encostado ao mastro de mezena. Tinha o rosto cavado, tez amarelada, costas direitas, aparência ascética, e assim, de braços caídos e palmas das mãos viradas para fora, parecia um ídolo. Persuadido de que a âncora unhara bem, o Diretor dirigiu-se para a ré e sentou-se no meio de nós. Trocámos algumas palavras, indolentemente. Depois reinou o silêncio a bordo do iate. Por qualquer razão, não chegámos a iniciar a partida de dominó. Sentámo-nos inclinados para a meditação, e sem disposição para mais nada senão para uma plácida contemplação. O dia chegava ao fim numa serenidade feita de calma e delicada luminosidade. A água brilhava placidamente; o céu, sem mancha, era uma imensidão propícia de luz imaculada; a própria névoa nos pântanos do Essex fazia lembrar um tecido vaporoso e cintilante, suspenso das vertentes arborizadas do interior, que atapetava as margens baixas num drapeado diáfano. Só a caligem para oeste, ensimesmada sobre o troço de rio a montante, se tornava mais torva de minuto a minuto, como se enraivecida pela aproximação do Sol.

E por fim, na sua descida oblíqua e impercetível, o Sol aflorou o horizonte, e do branco incandescente passou a um vermelho baço, sem raios e sem calor, como se pudesse extinguir-se a qualquer momento, ferido de morte pelo toque daquela caligem, ensimesmada sobre uma multidão de homens.

Também nas águas se deu uma mudança repentina, a calma tornou-se menos luminosa mas mais profunda. No seu troço mais amplo, o velho rio repousava tranquilo ao declinar do dia, após séculos de bons serviços prestados à raça que lhe povoava as margens, espreado com a serena dignidade de uma via aquática que aplanava o caminho para os extremos confins da Terra. Olhávamos para o venerável curso de água, não com o intenso arrebatamento de um dia efémero, que chega e logo se vai para sempre, mas à luz respeitável das perenes recordações. Com efeito, nada mais natural para um homem que, como sói dizer-se, «seguiu a vida do mar» com reverência e afeição do que evocar o grande espírito do passado junto à foz do Tamisa. A corrente da maré anda para cá e para lá na sua tarefa incessante, prene de lembranças de homens e navios que conduziu ao remanso do lar ou às batalhas do mar. Conheceu e serviu todos os homens de que a nação se orgulha, de Sir Francis Drake a Sir John Franklin, todos eles cavaleiros, com título ou sem título, os grandes cavaleiros andantes do mar. Transportara todos os navios cujos nomes são como gemas a reluzir

na noite dos tempos, desde o *Golden Hind*, regressado com os bojudos costados repletos de riquezas e recebendo a visita de Sua Alteza a Rainha, e inscrevendo-se assim na colossal epopeia, até ao *Erebus* e ao *Terror*, incumbidos de outro género de conquistas e que nunca regressaram. Conhecera os navios e os homens. Tinham zarpado de Deptford, de Greenwich, de Erith: os aventureiros e os colonos; navios reais e navios de comerciantes; capitães, almirantes, os sinistros «entrelopos» do comércio do Oriente e os «generais» designados para as frotas das Índias Orientais. Caçadores de ouro ou aspirantes à fama, todos se haviam feito ao mar através daquele rio, empunhando a espada e muitas vezes o archote, mensageiros do poder mundano, portadores de uma centelha do fogo sagrado. Quanta grandeza não desfilara pela vazante daquele rio, rumo ao mistério de uma terra desconhecida!... Sonhos de homens, semente de nações, embrião de impérios.

O Sol pôs-se; o crepúsculo desceu sobre as águas e surgiram luzes ao longo das margens. O farol de Chapman, uma engenhoca de três pernas erguida num baixio lamacento, brilhava intensamente. Luzes de navios moviam-se no passo navegável — um grande vaivém de luzes para cima e para baixo. E para oeste, a montante, o local da cidade monstruosa continuava sinistramente assinalado no céu: uma caligem ensimesmada à luz do Sol, um clarão lívido sob as estrelas.

«E este», disse Marlow subitamente, «também foi um dos sítios tenebrosos deste mundo.»

Era o único de nós que ainda «seguia a vida do mar». O pior que se podia dizer dele era que não representava a sua classe. Era marinheiro, mas era também errante, ao passo que a maioria dos marinheiros leva vida sedentária, se assim se pode dizer. Têm uma mentalidade de índole caseira, e a casa anda sempre com eles, é o navio; o mesmo acontece com o seu país, o mar. Os navios são todos idênticos, e o mar é sempre o mesmo. Na imutabilidade do ambiente em que vivem, as costas de terras estrangeiras, os rostos estrangeiros, a variável infinidade de modos de vida desfilam diante deles, não velados por uma sugestão de mistério, mas pela sua indiferença um tanto desdenhosa, pois para um marinheiro nada há de misterioso a não ser o mar, sua amante vitalícia e tão imperscrutável como o destino. Quanto ao mais, basta um passeio casual ou uma patuscada em terra, após as horas de trabalho, para lhe desvendar o segredo de um continente inteiro, e geralmente para o levar a concluir que não é nada que valesse a pena conhecer. As fábulas dos marinheiros são de uma simplicidade linear,